

## ***INVENTING WOMEN SCIENCE, TECHNOLOGY AND GENDER***\*

**ROSANA HORIO MONTEIRO**\*\*

No estudo e na prática da tecnologia o papel das mulheres tem sido em geral omitido e a questão de gênero ignorada. No entanto, mulheres e homens criam, usam a tecnologia e são afetados por ela. As mulheres sempre se engajaram em atividades tecnológicas, mas sua exclusão dos processos técnicos e industriais fez com que elas fossem vistas como não-tecnológicas, e suas atividades tecnológicas foram gradativamente redefinidas como artesanato ou arte.

Assim como a tecnologia, a ciência foi historicamente definida como uma atividade eminentemente masculina. Mas, por que as mulheres não poderiam fazer ciência? Considerando que homens e mulheres são diferentes, quais as barreiras que mantêm as mulheres fora da ciência e como removê-las para que elas possam se unir nas mesmas bases que os homens? Poderia haver uma ciência masculina e outra feminina – ou feminista?

Em *Inventing Women...*, Gill Kirkup e Laurie Smith Keller reuniram artigos de 21 mulheres, pesquisadoras de diferentes áreas do conhecimento, algumas provavelmente já

---

\* Coletânea de artigos editada por KIRKUP, Gill e KELLER, Laurie Smith. Oxford, Polity Press and Open University Press, 1992, 342 pp. Além das duas editoras, participam do livro: Laurie S. Keller, Margaret L. Benston, Evelyn Fox Keller, Lynda Birke, Susan Himmelweit, Gail Vines, Linda M. Fedigan, Catherine K. Riessman, Liz Whitelegg, Cynthia Cockburn, Marge Piercy, Julie Wheelwright, Radha Chakravarthy, Judy Wajcman, Bina Agarwall, Jean B. Breeze, Gill Kirkup, Cat Cox e Rokeya S. Hossam.

\*\* Doutoranda em Política Científica e Tecnológica, Instituto de Geociências, Unicamp

conhecidas dos leitores dos *Cadernos Pagu*, como é o caso de Sandra Harding e Joan Mason, que, em forma de ensaios, narrativas ficcionais ou poesia, procuram instigar o leitor a refletir sobre essas questões, apresentando criticamente algumas das principais abordagens desenvolvidas dentro da área que vem sendo chamada de estudos de mulheres, centralizando-se sobretudo no debate emergente – e profícuo – nos campos da ciência e da tecnologia.

O livro, cuja proposta é ser uma introdução aos tais estudos de mulheres, acaba assumindo um grande desafio que é, além de introduzir a questão do gênero dentro dos estudos de ciência e tecnologia, rever o próprio conceito de ciência e tecnologia.

Para Kirkup e suas colaboradoras a ciência deixa de ser tratada como um agente autônomo, como uma forma privilegiada de conhecimento, determinado pelas leis físicas, e passa a ser entendida como uma instituição social. Os artigos assumem com isso, às vezes de maneira bastante explícita, outras nem tanto, que ciência e tecnologia são construções sociais. Esses novos conceitos de ciência e tecnologia constituem-se no fio condutor do livro e são apresentados no cap. 1 – The nature of science and technology.

Por essa perspectiva, o interesse maior de algumas dessas pesquisadoras, como é o caso específico de Judy Wajcman<sup>1</sup>, recai sobre o porquê das tecnologias terem a forma que têm, preocupando-se não só com os efeitos da tecnologia sobre a sociedade, mas também com o inverso: como a sociedade interfere na construção das tecnologias.

Ao assumir esse desafio as autoras assumem igualmente que as mudanças científicas e técnicas envolvem necessariamente interesses sociais, políticos e econômicos. E um entendimento dessa relatividade histórica e cultural da ciência

---

<sup>1</sup> Cap. 4, pp. 238-254.

nos permite ver a ciência e a tecnologia como incorporadoras de uma cultura de gênero notadamente patriarcal.

As autoras apontam para um redirecionamento do debate gênero-ciência/ tecnologia, evitando, como Fox Keller<sup>2</sup> enfatiza em seu artigo – How gender matters, or, why it's so hard for us to count past two –, os dualismos entre homem/mulher, mente/natureza, eu/outro, procurando olhar mais enfaticamente para as diferenças. E diferenças aqui incluem desde os contextos em que as atividades científicas ou tecnológicas são produzidas, até questões relativas à raça e à classe social, que no livro são exploradas em estudos sobre tecnologias médicas, militares, domésticas, ambientais.

No cap. 2 – Our bodies, our minds, our selves – o foco são as relações entre ciência e gênero nos níveis psicológico, antropológico, médico e genético, com a introdução de questões como as diferenças biológicas entre homem e mulher e o processo de medicalização das experiências femininas.

As barreiras estruturais que existem contra o trabalho das mulheres como cientistas e tecnólogas e a sua luta para superá-las são examinadas no cap. 3 – Producing science and technology. Algumas dessas experiências são mostradas a partir do estudo da vida e obra de algumas cientistas, como é caso de Barbara McClintock<sup>3</sup>, Nobel de Medicina em 1983, e Hertha Ayrton<sup>4</sup>, primeira mulher a ser proposta como membro da Royal Society, em 1902.

Mas, em que medida a tecnologia de fato ajuda as mulheres em suas tarefas diárias? O que a tecnologia pode fazer pela mulher e seu trabalho no Terceiro Mundo? Que tipo de tecnologia é apropriada?

---

<sup>2</sup> Cap. 1, pp.42-56.

<sup>3</sup> KIRKUP, Gill & KELLER, Laurie Smith. Op.cit., pp.188-195

<sup>4</sup> MASON, Joan. pp.168-177.

*Inventing Women Science...*

As mulheres como usuárias finais de artefatos e sistemas tecnológicos é um dos temas do último capítulo do livro, com ênfase na idéia de que o consumo não é um processo passivo e nem as fronteiras entre produtores e usuários são de fácil delimitação.

Apesar de voltado para iniciantes, *Inventing Women...* é um livro também para iniciados, que vale a pena ser lido não só por quem se interessa ou trabalha na área de estudos de mulheres, mas por qualquer pessoa que pense – ou queira pensar – criticamente a ciência e a tecnologia contemporâneas.